

*** A MORFOSSINTAXE DO GÊNERO NO FALAR CUIABANO**

José Leonildo Lima *

RESUMO: O falar cuiabano, atualmente, está passando por algumas mudanças. Esse texto traz, de forma ainda incipiente, algumas caracterizações acerca das variações lingüísticas que marcam essa comunidade. Assim, as discussões aqui apresentadas apontam para um projeto que se pretende desenvolver com a finalidade de fazer uma descrição dialetal do falar cuiabano.

ABSTRACT: The cuiabano speaking, nowadays, has been passing some changes. This text brings, in a still incipient form, some characterizations concerning the linguistics variations that mark this community. Thus, the discussions here introduced point to a project that is intended to be developed with the purpose of making a dialectal description of the cuiabano speaking.

PALAVRAS-CHAVE: falar cuiabano; dialetologia; variação lingüística; regionalismo.

KEYWORDS: cuiabano speaking; dialectology; linguistics variation; regionalism.

INTRODUÇÃO

Cuiabá alinha-se entre os muitos exemplos de núcleos urbanos surgidos no século XVIII em consequência do movimento bandeirante. Seus primeiros povoadores, provenientes de São Paulo, fixaram-se no local em decorrência da descoberta de minas de ouro. Os bandeirantes Pascoal Moreira Cabral e Miguel Sutil foram os fundadores do arraial de Cuiabá em 08 de abril de 1719. Em 1727 o povoado foi elevado à categoria de vila sob a denominação de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Em 1818 foi elevada à categoria de cidade e, em 1835, através da Lei Provincial nº 19, de 28/08/1835, tornou-se a capital da província, posto que foi da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade desde a sua fundação em 1752 até 1835.

Despontada do ouro, a cidade teve seu momento de glória e de progresso no auge da exploração desse minério (1719 a mais ou menos 1800). Com a decadência da exploração do ouro, Cuiabá viveu, por muitas décadas, um período de “isolamento geográfico”. Com a divisão do estado de Mato Grosso em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977, é que a cidade retoma o seu crescimento. Além desse fator, os projetos de colonização do Governo Federal, a partir da década de 70, também têm uma parcela de contribuição no processo de desenvolvimento de Cuiabá.

* Professor no Departamento de Letras da UNEMAT, Campus de Pontes e Lacerda.

Hoje, Cuiabá aparece como a cidade que mais recebe migrantes no país. A título de exemplo, a população no ano de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000 era, respectivamente, 56.828 habitantes (IBGE 1960), 100.860 habitantes (IBGE 1970), 212.981 habitantes (IBGE 1980) 402.813 habitantes (IBGE 1991) e (IBGE 2000) 476.178 habitantes. Assim, os aspectos culturais, sociais e lingüísticos, de certa forma, começaram a sofrer algumas alterações. E isso aconteceu porque os signos circulam, conforme diz Alberto Tassinari: *Os signos circulam, tudo circula. A luta para repousar numa diferença em meio a uma equalização geral é enorme. Não é algo alegre. Nem triste. Entusiasma.* (Revista Bravo, junho, 1998)

Quanto aos aspectos lingüísticos, cabe destacar que o traço lingüístico que mais identifica o falar cuiabano é a alternância das africadas e fricativas: [δZ] [dZeitu], [τΣ] [τΣuva] / [Z] [Zeitu], [Σ] [Σuva]. Conforme (Silva, 1998:107), *essa pronúncia é usada ainda, pelos caipiras de São Paulo e foi transplantada para o nosso estado pelos bandeirantes que conservavam ainda os modos de pronúncia arcaicos dos primitivos colonos portugueses.* Desse modo, se os colonos portugueses pronunciavam, por exemplo, *tchuva, catchorro*, poderiam pronunciar também *dgente, djeito*. E ainda conforme Serafim da Silva Neto, a observação que faz é que, se referindo aos paulistas, diz que *substituíram eles por ts o ch português, dizendo, por exemplo, matso por macho e atso por acho, etc.* (Silva Neto. s/d:34) Além dessa hipótese centrada na fala dos bandeirantes, discute-se também na comunidade que algumas características lingüísticas têm fundamento no espanhol bem como na língua falada pelos índios bororo que habitavam a região. São hipóteses que estão sob investigação na pesquisa empreendida sobre a questão da morfossintaxe do gênero no falar cuiabano.

Desse modo, cabe salientar que esse aspecto ora descrito é o que tem gerado muita discussão na comunidade regional e nacional. O que não é discutido é que o cuiabano não só tem essa característica no falar, mas uma gramática própria. Além dessa característica fonética, o falar cuiabano apresenta marcas lingüísticas muito próprias também na morfologia e na sintaxe, como exemplificaremos a seguir. Dessa maneira, cabe destacar que muito pouco se fez até agora para registrar esses aspectos gramaticais desse falar. Nesse sentido, esse falar tem uma importância ímpar no universo lingüístico que merece ser descrito, não só pelo fato do emprego das africadas, mas por certas manifestações gramaticais em funcionamento na comunidade.

Em se tratando da linguagem, o estado de Mato Grosso apresenta-se marcado lingüisticamente por vários falares. Dizemos vários levando em conta o processo de ocupação do estado. Algumas microrregiões estão ocupadas por migrantes oriundos do Sul do país, outras, por migrantes de Goiás e Minas Gerais bem como da região Nordeste. E dentre esses falares, a cidade de Cuiabá apresenta-se também com um falar característico, isto é, a alternância do uso das africadas e fricativas. Além do emprego das africadas e fricativas, o falar é marcado também por um léxico, uma fonética, uma morfologia e uma sintaxe próprios.

Neste sentido, faz-se necessário que um trabalho de descrição dialetal seja feito desse falar. Com o fluxo contínuo da entrada de migrantes em Cuiabá, esse falar está passando por um processo de mudança. Portanto, é de suma importância que se faça um estudo desse falar, para podermos acompanhar o processo de difusão e focalização.

1. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Quando queremos descrever um fenômeno lingüístico, faz-se necessário que, primeiramente, entendamos o que é língua. Um conceito com o qual podemos lidar é que a língua é um sistema de sinais acústico-orais, como resultado de um processo histórico, evolutivo. Cada língua alicerça-se em estruturas fônicas. Cada uma das estruturas do português, do francês, do espanhol etc., por exemplo, é o resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim. Esta língua, por sua vez, teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço. O que se pode dizer é que não existe língua unificada, porque não existe um monobloco lingüístico. Assim, o conceito de língua está diretamente ligado a uma idéia de abstração.

Quando estudamos uma língua, levando em conta a sua história, três diferenças fundamentais são apresentadas.

1 – diferenças de espaço geográfico ou diferenças diatópicas (responsáveis pelos regionalismos);

2 – diferenças entre os estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática, ou diferenças diastráticas (diferenças que ocorrem dentro de uma mesma comunidade);

3 – diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilos distintos, ou diferenças diafásicas.

A essas diferenças existem três subsistemas que possuem, internamente, relativa homogeneidade de traços lingüísticos. São eles:

1 – as unidades sintópicas, identificadas mais comumente como dialetos, como por exemplo, o dialeto nordestino, o dialeto sulista, o dialeto cuiabano;

2 – as unidades sinstráticas que estão diretamente relacionadas aos estratos sociais, como linguagem culta, a linguagem da classe média, a linguagem da classe popular etc.;

3 – as unidades sinfásicas, ou de estilo de língua: linguagem formal, linguagem familiar, linguagem literária etc.

Diante dessas diferenças e subsistemas, o que podemos dizer, por exemplo, é que num determinado dialeto, pode haver diferenças socioculturais ou de estilo. No caso da diferença dos estratos socioculturais, tomando como exemplo a linguagem culta, podemos afirmar que poderão também haver diferenças regionais e de estilo. Com essas considerações, o que podemos afirmar, é que, como diz (Ferreira e Cardoso, 1994:12) *os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características lingüísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação.*

A língua portuguesa entrou no Brasil pelo processo da “imposição”. Foi uma língua que atritou com as aqui existentes à época do descobrimento. Só para se ter uma idéia, São Paulo, por volta de 1700, servia-se mais da língua tupi do que da língua portuguesa. Das 350 falas ameríndias conhecidas desde a chegada de Cabral até mais ou menos 1700, estas foram mescladas com a fala dos sertanistas, conquistadores, soldados, mercadores que aqui se fizeram presentes nesse período. Essa mescla foi a responsável por um falar que muitos historiadores até chamaram de falar “rústico”. Em 03 de maio de 1757, um documento de inspiração pombalina, baixado pelo Governo, proibia o uso do tupi em benefício exclusivo da língua portuguesa.

O português só se tornou “unilíngüe” no Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Empregado hoje como língua nacional, oficial, de cultura, por mais de 170 milhões de brasileiros, traz em si um conjunto de diferenciações. Pela imensidão territorial do nosso país, e por conta das influências já mencionadas, consolidaram-se diversidades no falar.

Conforme (Preti, 1987:53, apud Buysens) *uma língua é o bem de todos e de ninguém; numerosos indivíduos contribuem para modificá-la em mínimos detalhes.*

No tocante à diversidade do falar de um povo, cabe destacar dois aspectos da variação lingüística: *variação intralingüística e interlingüística*. A variação intralingüística se manifesta nos usos e nas estruturas de um mesmo sistema. No caso da variação interlingüística essa é marcada não só pela utilização de dois ou mais sistemas, mas também pelo fato de cada um dos sistemas em presença, sem deixarem de conservar as suas próprias possibilidades de variação. As variações podem ser tanto geográficas como sociais. Sejam geográficas ou sociais, as variedades lingüísticas definem-se como conjuntos de diferenças situadas no léxico, na gramática e na fonologia.

Diante dessa última consideração, passamos a fazer algumas considerações sobre a variação lingüística registrada na cidade de Cuiabá.

2. VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS: CONTEXTUALIZAÇÃO DO FALAR CUIABANO

A sociedade sempre sofreu alterações tanto no campo político, social, religioso como no lingüístico. À medida que o tempo decorre, as alterações na sociedade vão se tornando cada vez mais céleres em decorrência do processo de evolução por que passa o mundo. Em se tratando do campo lingüístico, a migração tem trazido significativas e rápidas mudanças no falar de muitos povos no mundo inteiro. Em Cuiabá, por exemplo, o contato direto ou indireto com pessoas de outras localidades do país, vem provocando mudanças no falar. Os migrantes trazem consigo um falar regional que é posto em presença de um outro falar.

Uma das marcas muito presentes na comunidade cuiabana, como já falamos, entre outras, é a alternância entre as consoantes africadas e as fricativas [τΣ] [δΖ] e [Σ] [Ζ]. Segundo Roquete Pinto e Karl von Den Steinen, essa variação era restrita somente às zonas caipiras de Mato Grosso. Mas de acordo com Serafim da Silva Neto essa variação não se restringia apenas às zonas rurais, mas também citadinas e a pessoas cultas. A seguir, alguns exemplos dessa variação: depois [δεεποΣ], dois [εδοΣ], milhões [μιεχδΣ], dez [εδεΣ], ajuda [ΑεδΖυδα], acho [ατΖο], chácara [τΖακΑρα] etc.

A ocorrência das consoantes africadas no falar cuiabano constitui para pessoas de fora da região um som “esquisito”. Assim, passa a ser tratado com censura, estigmatização e até repúdio. Para muitos falantes locais é uma variação que deve ser banida dessa comunidade de fala.

Do ponto de vista fonético, destacaremos algumas ocorrências observadas no falar cuiabano.

2.1. Algumas marcas lingüísticas observadas no falar cuiabano

Vogais tônicas

/a/

- desnasalização em final

irmã - [iRma]

caiamã - [kAiÊma]

tarumã - [taRuÊma]

- vogal aberta em contexto nasal

lancha - [la<ÊSa]

cano - [kaÊnU]

pano - [paÊnU]

/e/ - vogal aberta em lugar de fechada

bangüê - [bA<ÊgUE]

dendê - [de<ÊdE]

Ditongos

- /eu/ oral aberto em final se fecha

Torixoréu - [toRiSoÊReU]

Chapéu - [SaÊpeU]

- /ãe/ - final desnasaliza-se

mamãe - [maÊmaI]

/ei/, /ai/, /oi/ - seguidos de sibilante se reduzem

seis - [ÊSeS]

mais - [ÊmaS]

jamais - [ZaÊmaS]

demais - [deÊmaS]

depois - [deÊpoS]

/ãõ/ - em final de sílaba realiza-se /on/

visão - [viÊzo<]

bonitão - [boniÊto<]

baratão - [baRaÊto<]

/j/ realiza-se /dj/
caju – [kaÊdZu]
jipe – [dZiÊpe]
joli – [dZoÊli]
João – [ÊdZaâU]

/x/, /ch/ realizam-se /tch/
peixe – [peÊtSe]
chuva – [tSUÊva]
encher – [e<ÊSeU]
pincha – [pi<ÊtSa]

2.2. Algumas marcas lingüísticas observadas no falar cuiabano, mas que também são observadas na fala de todo Brasil

Vogais átonas

Aféreses freqüentes
amanhecer – [mA<NeÊce]
alambrado – [la<bRaÊdU]
anoitecer – [noiteÊce]

apócope do /r/
senhor – [ÊseâNo]
pedir – [peÊdi]

Ditongos

/io/ - final se transforma em /iu/
rio – [ÊRiU]
fio – [ÊfiU]
baixio – [baiÊSiU]

/ou/ - final se reduz a /ô/
chegou – [SeÊgo]
falou – [faÊlo]
estou – [esÊto]

/ai/ - no interior da palavra passa a /ei/
raiva – [ReiÊva]

- diante de palatal, no interior, se reduz a /a/ e diante de /k/
paixão – [paÊSAâU]
caixão – [kaÊSAâU]
baixote – [baÊS tI]

/ei/ - em posição interna, antes de palatal ou R, passa a /ê/
beijo – [ÊbeZU]
luzeiro – [luÊzeRU]
cativeiro – [katiÊveRU]

Consoantes

/b/ realiza-se /v/
gabo – [ÊgavU]
pereba – [pÊÊREba]

piaba – [piaÈva]
jabuticaba – [ZabutiÈkaba]

/l/ final se vocaliza diante de /e/ e /i/
papel - [paÈpEU]
sutil – [suÈtiU]

depois de /a/ não se realiza
qual? – [ÈkUa]
angical – [a<ZiÈka]
sonrisal – [so<riÈza]

Além dos aspectos fonéticos, o falar cuiabano apresenta também marcas bem características na morfologia e na sintaxe. A seguir destacaremos alguns aspectos.

Quanto ao **substantivo**, costuma ocorrer mudança de gênero, marcada no pronome e/ou no artigo seguinte ao nome.

Ex.: *Passou num casa desses.*

Emprega-se o **adjetivo de forma invariável**, tanto para o masculino como para o feminino.

Ex.: (Uma mulher falando) *Ah, dona! Hoje tô demais de fraco. Nem num sei o que me deu.*

O **superlativo** se forma com o emprego da expressão **demais de**, antes do adjetivo.

Ex.: *Tá demais de bom. Tá demais de interessado.*

Os **pronomes pessoais da terceira pessoa** são invariáveis, tanto para o masculino como para o feminino.

Ex.: *Ele chama Margarida.*

Ele chama Marcos.

Com os **pronomes demonstrativos** o emprego também é invariável.

Ex.: *A situação é esse mesmo.*

Com o **verbo ir no pretérito perfeito** do indicativo, a primeira pessoa do singular é sempre empregada como terceira.

Ex.: *Eu foi professor a vida inteira.*

Eu foi pro baile.

Quanto ao **verbo pôr no pretérito perfeito** do indicativo, a primeira pessoa do singular é sempre empregada como terceira.

Ex.: *Eu pôs os cadernos em cima da mesa.*

É comum o emprego de dupla negação numa mesma oração, relacionada ao mesmo verbo.

Ex.: *Eu nem num sei quanto custa.*

Ninguém nem num viu o ladrão.

Outra ocorrência muito freqüente no falar cuiabano é o **pronome indefinido** funcionar como substantivo.

Ex.: *Tenho um carro. Só este um.*

Este um é meu.

O advérbio **demais** se transforma, normalmente, em adjetivo, acompanhado da preposição *de*.

Ex.: *Era demais de gente que tinha na festa.*

Gênero

Em seguida apresentamos também algumas frases sobre o gênero, coletadas a partir de depoimentos dados por pessoas da comunidade, bem como conseguidas através de entrevistas, *corpora* de outros trabalhos realizados por alguns pesquisadores (*Do falar cuiabano*, Maria Francelina Ibrahim Drummond, *A força da fala no dizer cuiabano*, de Moisés Mendes Martins Júnior, *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*, de Manoel Mourivaldo Santiago Almeida e *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*, de Maria Luíza Canavarros Palma), e de gravações de programas de rádio e televisão.

A caixa d'água cheio de mosca.

A cor é o mesmo.

A gravação fica bonito se sair ele limpo assim.

A paçoca tá fino.

A porta do teatro ficou escancarado...

A situação é esse mesmo.

A vida é esse mesmo.

A Zica amoita dinheiro da mãe dele.

Ali tem um bomba d'água.

Arrumaram esse vassourinha.

Boca cheio de pão.

Bolinha de blusa riscado.

Cabeça alheio.

Carne frito, carne assado, revirado.

Casado com meu irmã.
Corda fraco.
Gente feio.
Gente que entendeu errado e ficou bem rancoroso.
Já tá esgotado as cota.
Dorme de boca aberto.
É tudo cobra criado.
É uma diversão muito bonito.
Ele chama Margarida. Ele chama Marcos.
Este é um trabalhadeira.
Eu passei mão no minha bolsa.
Festança fica bonito.
Frávia tava bem bonito.
Fuxico de gente baixo.
Goela ardido.
Igualzinho essa Maria meu.
Mamãe sempre ocupado lá na cozinha.
Na hora do janta.
Não é bater papo, nesse fazenda mesmo.
O meu meninada é acostumado.
O saúde da moçada.
O senhor deixou a vaga certo.
Passou num casa desses.
Procurar pessoa do meu personalidade.
Sabatina mais rigoroso.
Semana passado.
Sobe no fonte luminoso.
Tá ligado, amiga?
Tá mais custoso a vida.
Televisão mostra muita coisa feio.
Tem algumas peças meu lá.
Tem gente que é lerdo!
Tem uma casa de meu irmã.
Todo dia água sujo nas casas.
Todo autoridade que subia no parco...
Todos amigos, companheirada que é sempre acostumado.
Tudo criança viçoso.
Uma frigideira cheio...
Uma lata cheio.
Umaz quinze pessoas, só rapaziada novo.
Vista grosso.

Além dessas construções, há um universo lexicográfico muito vasto para ser investigado. Vejamos alguns exemplos:

Adobo: pé grande.
Anduva: mentira.

Aparelho: telefone.
Atibado: cheio.
Banzativo: pensativo.
Beiradear: caminhar à beira.
Bicho de chão: cobra.
Bombo: gordo.
Cafuçu: feio.
Cascudo: tatu.
Companheira: placenta.
De chapa e cruz: autêntico, legítimo.
Lançamento: vômito.
Malotar: comer.
Maricho: homem.
Papo-de-peru: balão de soprar.
Parentes: pais.
Quilim: segredo.
Rebuçar: tapar, cobrir, endurecer.
Roni von: zona boêmia.
Sem vista: cego.
Violento: depressa.

CONCLUSÃO

O que podemos dizer é que mudanças lingüísticas estão ocorrendo na comunidade cuiabana. E para entender esse processo, faz-se necessário um estudo mais acurado para uma descrição do comportamento lingüístico do falar cuiabano, como uma forma de contribuirmos para os estudos sobre as variações e mudanças lingüísticas que ocorrem na língua portuguesa no Brasil. Nesse sentido é que estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o gênero no falar cuiabano, sob a denominação de *o falar cuiabano: a arquitetura morfossintática do gênero*, como uma forma de contribuirmos para os estudos lingüísticos em Mato Grosso bem como em nosso país.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. 2000. 319 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.



ARRUDA, António de. *O linguajar cuiabano e outros escritos*. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

CHAMBERS, J. K. e TRUDGILL, Peter. *La dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CUIABÁ – 266 anos – 8 de abril de 1985. Cuiabá: NDIHR, UFMT.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. *Do falar cuiabano*. Cuiabá: Gazeta, 1995.

ELIA, Sílvio. *Sociolingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GARMADI, Juliette. *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

JÚNIOR, Moisés Mendes Martins. *Revedo e reciclando a cultura cuiabana*. Cuiabá: Albert Gráfica Editora, 2000.

MIRANDA, Leodete e AMORIM, Lenice. *Mato Grosso: Atlas Geográfico*. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

NETO, Serafim da Silva. *Guia para estudos dialectológicos*. Florianópolis: PUC, 1955.

_____. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

OLIVEIRA, Alzira de. *A linguagem dos pescadores de Mato Grosso: um estudo lingüístico-etnográfico*. Dissertação de Mestrado, 1980.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1984.

PÓVOAS, Lenine C. *História Geral de Mato Grosso*. Vol. I e II. Cuiabá: L. C. Povoas, 1995.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

REVISTA BRAVO. São Paulo: junho, 1998.



SILVA NETO, Serafim (s/d). *Capítulos de história da língua portuguesa no Brasil*. Brasil/Portugal: Edições Dois Mundos.

SILVA, Thaís Cristóvão. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

TARALLO, Fernando e ALKMIM, Tânia Maria. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.